

# O exímio mestre da escultura clássica

Um italiano que se instalou no Estado na década de 50 e, desta época em diante, não parou mais de criar e produzir esculturas belíssimas, encontradas nos mais diversos pontos da

cidade. Trata-se de Carlos Crepaz, um modesto artista que se integra à sua função de escultor e professor, realizando sempre os mais diversos monumentos históricos.



Texto de Glória Cristina  
Fotos de Ailton Lopes

O renomado artista Carlos Crepaz nasceu em 27 de setembro de 1911, em Ortisei, província ao norte da Itália, vindo para o Espírito Santo, onde se radicou definitivamente.

Escultor, pintor e professor de Modelagem no Centro de Artes da Ufes, Crepaz começou a se interessar por artes quando ainda era criança, trazendo consigo a veia artística herdada pelo seu pai e pelo bisavô, que também eram escultores italianos. Ingressou na Escola de Belas Artes, daquela localidade, onde estudou durante sete anos, chegando a presidir a Associação Artística de Ortisei, além de ter participado de exposições permanentes, em virtude da qual veio receber o Diploma da Onion di Artisc-Urtijei.

Crepaz foi morar na Alemanha, em 1940, onde trabalhou durante dois anos, interrompendo para lutar na segunda Guerra Mundial. Com o término da guerra, voltou à

tísticas nos mínimos detalhes do seu trabalho e sempre proporciona obras de tão alto nível. Aliás, esta mesma arte italiana, no final do século XV, converteu todos os artistas europeus a segui-la em evolução.

Como um fiel compromisso a suas raízes e tradições Crepaz mantém seu estilo imutável. Isto é tão perceptível quando seu forte sotaque e a maneira gesticulosa de se expressar rapidamente, mesmo depois de já residir aqui há cerca de 29 anos.

Crepaz vive isoladamente com sua família e com uma oficina de trabalho em Jacaraípe, onde cria suas figuras escultóricas, restaura obras de arte e realiza pinturas a óleo.

Torna-se bastante fácil avaliar a virtuosidade das obras de Crepaz, que exalam tanta dramaticidade e vigor. Faz-nos lembrar que o homem contemporâneo ainda é capaz de realizar uma arte clássica, por mera opção, de maneira tão clara e metódica.

As linhas básicas das figuras humanas, que são as anatomias que mais gosta de trabalhar, logo tomam corpo concluídas pelo excelente polimento da superfície.

Crepaz nunca se queixou do mercado de arte brasileiro, devido a quantidade de encomendas e requisitados convites para compra de esculturas. Mas no íntimo, confessa preferir criar seus personagens do que reproduzi-los, segundo seus olhos, com um modelo posado.

Em nosso Estado, podemos nos gabar de ter duas Nossas Senhoras em estilo gótico, na Catedral Metropolitana — uma tem quatro metros e fica na fachada da igreja, confeccionada em cimento branco, e a outra em madeira, com dois metros, está situada no altar, o famoso índio que o artista criou quando ainda tinha pouco tempo em Vitória, que por sinal atualmente está localizado em um escondido recanto na Beira Mar, a mendiga Dona Domingas que quando era viva pousou para Crepaz. Ele minuciosamente a es-

A 11. 746

O mestre escultor Carlos Crepaz



A postura de Dona Domingas constitui um exemplo de vivo realismo. O seu rosto perturbado representa a essência do classicismo elegante de Crepaz



A escultura do Índio merece um local de destaque, tendo em vista seu potencial artístico, criado por Crepaz

Crepaz fez um grande Cristo crucificado e outro semelhante para o Hospital das Clínicas de Maruípe.

Muitas esculturas do italiano artista foram transferidas dos locais de origem, como a Nossa Senhora de Fátima que fez para o município de Anchieta e que hoje sabe-se apenas que foi transportada para Belo Horizonte. Além de outras estátuas que não se têm notícias do paradeiro, Crepaz tam-

Um fato curioso de sua carreira foi quando ainda tinha 17 anos. Crepaz colocou em exposição uma escultura sua na Faculdade de Belas Artes de Ortisei. O escritor e poeta Marcelo Caniati de Florenza, quis conhecer o autor da obra, certo de se tratar de um velho escultor, ficando estupefato de ter deparado com um tão jovem artista, fez uma excelente matéria enaltecendo seu trabalho, na revista Vita Nostra, o que provocou um acelerado impulso em sua carreira, lembra o artista



# O exímio mestre da escultura clássica



Texto de Glória Cristina  
Fotos de Ailton Lopes

O renomado artista Carlos Crepaz nasceu em 27 de setembro de 1911, em Ortisei, província ao norte da Itália, vindo para o Espírito Santo, onde se radicou definitivamente.

Escultor, pintor e professor de Modelagem no Centro de Artes da Ufes, Crepaz começou a se interessar por artes quando ainda era criança, trazendo consigo a veia artística herdada pelo seu pai e pelo bisavô, que também eram escultores italianos. Ingressou na Escola de Belas Artes, daquela localidade, onde estudou durante sete anos, chegando a presidir a Associação Artística de Ortisei, além de ter participado de exposições permanentes, em virtude da qual veio receber o Diploma da Union di Artisti-Urtijesi.

Crepaz foi morar na Alemanha, em 1940, onde trabalhou durante dois anos, interrompendo para lutar na segunda Guerra Mundial. Com o término da guerra, voltou à Itália, retornando às suas atividades. Em 1951, veio para o Brasil, onde trabalhou em seu ofício para sobreviver durante inúmeras noites e dias. Em consequência disto, o nosso Estado tem mais de 50 monumentos, estátuas e bustos espalhados por todos os lados.

Quando se refere ao seu trabalho, Crepaz modestamente afirma que de todas as obras, a que mais considera perfeita tecnicamente, é a Pietá em tamanho natural, realizada em madeira, que está no Convento da Penha, em Vila Velha.

Crepaz mantém suas origens ar-

tísticas nos mínimos detalhes do seu trabalho e sempre proporciona obras de tão alto nível. Aliás, esta mesma arte italiana, no final do século XV, converteu todos os artistas europeus a segui-la em evolução.

Como um fiel compromisso a suas raízes e tradições Crepaz mantém seu estilo imutável. Isto é tão perceptível quando seu forte sotaque e a maneira gesticulosa de se expressar rapidamente, mesmo depois de já residir aqui há cerca de 29 anos.

Crepaz vive isoladamente com sua família e com uma oficina de trabalho em Jacaraípe, onde cria suas figuras escultóricas, restaura obras de arte e realiza pinturas a óleo.

Torna-se bastante fácil avaliar a virtuosidade das obras de Crepaz, que exalam tanta dramaticidade e vigor. Faz-nos lembrar que o homem contemporâneo ainda é capaz de realizar uma arte clássica, por mera opção, de maneira tão clara e metódica.

Um artista da categoria de Crepaz pertencerá a história como um patrimônio de uma existência. Sua perícia na manipulação do material transforma um simples tronco de madeira, sem nenhum esboço ou projeto anterior, em uma suntuosa figura humana plástica. E esta sua experiência veterana proporciona ao artista rapidez e competência absoluta em seu ofício de esculpir.

O escultor não lembra de quantas peças já realizou mas o material que mais prefere para trabalhar é a madeira, devido ao processo de já ir direto com os instrumentos retirando os excessos e logo a forma começar a aparecer.

As linhas básicas das figuras humanas, que são as anatomias que mais gosta de trabalhar, logo tomam corpo concluídas pelo excelente polimento da superfície.

Crepaz nunca se queixou do mercado de arte brasileiro, devido a quantidade de encomendas e requisitados convites para compra de esculturas. Mas no íntimo, confessa preferir criar seus personagens do que reproduzi-los, segundo seus olhos, com um modelo posado.

Em nosso Estado, podemos nos gabar de ter duas Nossas Senhoras em estilo gótico, na Catedral Metropolitana — uma tem quatro metros e fica na fachada da igreja, confeccionada em cimento branco, e a outra em madeira, com dois metros, está situada no altar; o famoso índio que o artista criou quando ainda tinha pouco tempo em Vitória, que por sinal atualmente está localizado em um escondido recanto na Beira Mar, a mendiga Dona Domingas que quando era viva pousou para Crepaz. Ele minuciosamente a esculpiu em cobre para si próprio. Mais tarde, a Prefeitura Municipal descobriu e a comprou. Hoje, Dona Domingas tem sua pracinha reservada em frente ao Hotel Estoril, que o seu criador a batizou com o nome de **O Entardecer**, pois a mendiga sempre surgia no fim da tarde, com seu pesado saco nas costas.

É um pouco difícil reconstituir todo o material que Crepaz realizou, pois ele não teve a vaidade de fotografar e documentar todas as peças. Mas só no Convento da Penha, estão inúmeras esculturas suas, um São João Batista de madeira em grande porte, a Pietá

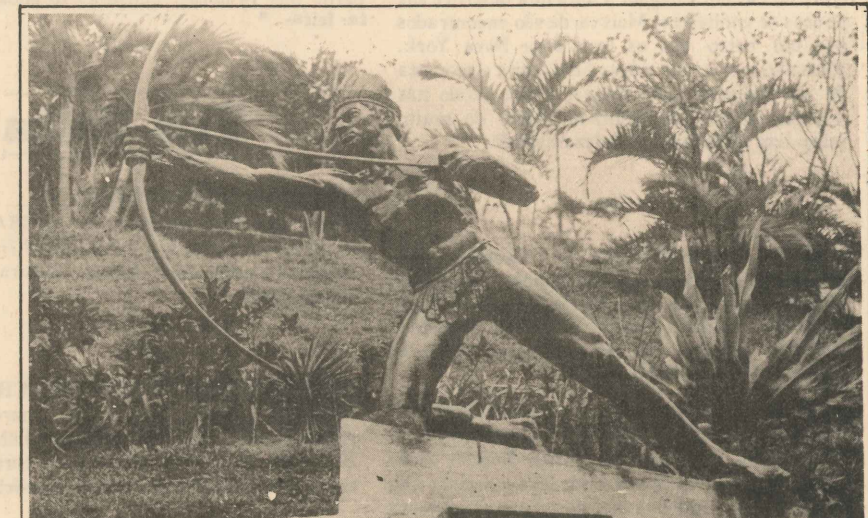
O mestre  
escultor  
Carlos Crepaz



A postura de Dona Domingas constitui um exemplo de vivo realismo. O seu rosto perturbado representa a essência do classicismo elegante de Crepaz

em tamanho natural além de vários anjinhos ao altar. Na Praça do Convento, uma estátua do Frei Pedro Palácio.

Com muita humildade, o mestre escultor procura na memória e encontra vagamente a infinidade de bustos que já realizou mas não sabe onde se encontram. Para o município de São Mateus, fez três Cristos policromados, dois emblemas para a fachada do Seminário, a estátua do Bispo David e um Escudo de João XIII, com 1 metro e meio de altura, feito em cimento branco. Em Colatina, o escultor realizou um Cristo de três metros de altura, em madeira. No Santuário de Santo Antonio,



A escultura do Índio merece um local de destaque, tendo em vista seu potencial artístico, criado por Crepaz

Crepaz fez um grande Cristo crucificado e outro semelhante para o Hospital das Clínicas de Maruípe.

Muitas esculturas do italiano artista foram transferidas dos locais de origem, como a Nossa Senhora de Fátima que fez para o município de Anchieta e que hoje sabe-se apenas que foi transportada para Belo Horizonte. Além de outras estátuas que não se têm notícias do paradeiro, Crepaz também concluiu bustos para Jones dos Santos Neves, Dr. Benício, Crisogono Cruz, outros para a família Lindenberg.

Em Linhares, uma grande escultura do artista, em cimento branco registra a presença de João XXIII, com três metros de altura.

Agora, sua maior tarefa é finalizar o polimento de uma grande estátua de São Francisco de Assis, encomendada por Augusto Ruschi que está apaixonando emocionalmente o artista, pois o monumento traz consigo um beija-flor na mão e alguns pombos nos pés e nos ombros, todo realizado com madeira vinda especialmente do Amazonas.

Um fato curioso de sua carreira foi quando ainda tinha 17 anos. Crepaz colocou em exposição uma escultura sua na Faculdade de Belas Artes de Ortisei. O escritor e poeta Marcelo Caniati de Florenza, quis conhecer o autor da obra, certo de se tratar de um velho escultor, ficando estupefato de ter deparado com um tão jovem artista, fez uma excelente matéria enaltecendo seu trabalho, na revista Vita Nostra, o que provocou um acelerado impulso em sua carreira, lembra o artista nostálgicamente: "Tal reconhecimento muito me comoveu e minha produção foi seguramente mais consciente, pois eu não passava de um adolescente curioso que sempre pesquisava os trabalhos de Miguel Ângelo, Rubem, Leonardo Da Vinci e outros.

Crepaz, além de Vitória, tem obras em São Paulo, Paraná, Guanabara e Belo Horizonte. Já participou de quatro exposições aqui, sendo uma coletiva e três individuais em 1952, 1954 e 1957. No Rio de Janeiro, realizou uma individual, em 1958. Mas o seu país italiano é o que mais obtém trabalhos do escultor, além de outros espalhados nos Estados Unidos e na Europa.